

AUTOR

CLARA
FERREIRA ALVES

José Rodrigues dos Santos acha-se injustiçado por “um grupo de intelectuais que acham que a escrita experimental é a única literatura possível e autorizada e que tudo o resto vai para o índice da Inquisição Literária”. Acha-se injustiçado por dizerem que a televisão o tornou conhecido. Acha-se injustiçado por lhe chamarem o nosso Dan Brown.

José Rodrigues dos Santos escreve *best-sellers*, e vende muito, muitíssimo.

É o autor de ficção que mais vende em Portugal e vende bem noutros países. Na Bulgária, diz ele, onde chegou a número um dos *tops* de livros vendidos, ninguém vê o telejornal da RTP. Quem vende um milhão de livros acha-se com direito a ser considerado, porque um milhão de livros é o estabelecimento de uma audiência, e, tal como na televisão, José Rodrigues dos Santos (J.R.S.) é um autor que conhece a sua audiência, a alimenta (“O Homem de Constantinopla” pode ser comentado pelos leitores, fornecendo J.R.S. um *gmail* e prometendo responder) e não a desaponta. Também é verdade que certa crítica literária convencional, que em Portugal labora no equívoco dos compadres, na pressão dos pares e na cumplicidade com os autores, condena ao ostracismo autores populares. Não toca em J.R.S. nem com pinças. E é verdade que o que muitas vezes é considerado literatura não passa de uma redação de pomposidades e preciosismos, literatices embulhadas numa sintaxe irregular e falsamente pós-moderna. O que J.R.S. chama “experimental” é um monte de lugares-comuns pseudopoéticos de um sentimentalismo repugnante em que a palavra “beleza” e a palavra “ofuscante” substituem o julgamento literário. Quando não se sabe o que dizer, fica-se ofuscado por tanta beleza.

Estes autores “considerados” escritores escrevem também para a sua audiência, cretinizando-a a um ponto em que a destriça entre literatura e literatice deixa de existir e propagando o equívoco num meio patrocinado.

Reconheço que J.R.S. sabe aplicar o princípio *character is action*, a fórmula de Scott Fitzgerald para dizer que uma personagem é o que ela faz mais do que o que ela diz. Esta é a base do romance de aventuras e da chamada literatura de ação. É a base dos *scripts* de cinema de ação e das séries de televisão, que ensinam a focar a atenção, transformando

O autor que mais vende em Portugal acaba de lançar o seu sexto livro de ficção. Mas será que o que José Rodrigues dos Santos escreve é literatura ou entretenimento?

O GNOMO NO JARDIM



ANA BAIÃO

as vozes das personagens, também, em ação. O motor da narrativa é o movimento das personagens, não cabendo a digressão intelectual ou a confabulação abstrata. J.R.S. sabe também escolher temas que mantenham a sua audiência entretida, ou seja, que a chamem a resolver mistérios ou a acompanhar as atribulações de uma vida. Que a façam, como se diz, voltar a página. E reconheço que a audiência de televisão ajudou J.R.S. no princípio, dando-lhe, como se diz agora, uma vantagem competitiva, vantagem de que ele hoje não precisa. Quando se critica um autor destes, a audiência acha-se insultada porque estima o seu autor e entende a crítica como um ataque ao seu gosto.

O pequeno problema é que estamos a falar de entretenimento e não de literatura, dando a literatura o significado de livro que contém a chamada "mediação literária", um conceito indefinível que separa um autor que escreve sobre Istambul chamado Orhan Pamuk de um autor que escreve sobre Istambul chamado José Rodrigues dos Santos.

J.R.S. teve a ideia, que ninguém teve, de romançar a vida de um dos homens mais ricos do mundo, um aventureiro arménio que atravessou o tempo participando nas aventuras imperiais e colonialistas da dobragem do século XIX para o XX, quando as dominações metropolitanas não hesitavam em tratar o resto do mundo como uma coutada, reduzindo os "nativos" a acidentes de uma narrativa superior, a da triunfal civilização ocidental. É irónico que Calouste Gulbenkian, uma personagem absurdamente literária, não tenha despertado a curiosidade de ficcionista ou biógrafo do país que ele adotou e que dotou, com largueza, de uma Fundação que foi a maior beneficente da cultura e das artes, e das ciências, em Portugal. O único romance sobre esta personagem e a sua história familiar é o de J.R.S. Portugal nunca se interessou por saber como é que este homem de Constantinopla chegou a Lisboa.

É este o miolo dos dois romances de J.R.S., em dois volumes. Quem tiver lido a biografia de Gulbenkian que Ralph Hewins escreveu, "O Senhor Cinco por Cento" (Texto Editora), não encontrará no livro de J.R.S. surpresas. Muitos dos episódios contados por Hewins, que lhe foram contados por Nubar Gulbenkian, o único filho varão de Calouste, reaparecem (sem tratamento especial) em J.R.S. Se J.R.S. utilizou mais do que esta biografia, não se nota. É provável que não tenha lido as indisponíveis "Memórias de Calouste Gulbenkian", que em Portugal ninguém leu, e que Hewins também utiliza, ou a indisponível autobiografia de Nubar, um *playboy* internacional, excêntrico, que se disputou com o pai em tribunal e que foi praticamente deserdado por causa disso. Calouste deu a Lisboa o que não deu aos filhos, Nubar e Rita. Nubar acabou por fazer fortuna, mas o ressentimento contra a Fundação e os seus gestores, sobretudo José de Azeredo Perdigão, nunca se dissipou. Nubar, como o pai, é uma personagem de ficção. E a voz narrativa do livro de J.R.S. é a de Nubar, mas, não perdendo tempo com técnicas e processos de inserção desta voz, J.R.S. escolheu a facilidade: Calouste, ou Kaloust, morre na suite do Hotel Aviz, deixando dois livros escritos que contam

Quem tiver lido a biografia de Gulbenkian que Ralph Hewins escreveu, "O Senhor Cinco por Cento", não encontrará no livro de José Rodrigues dos Santos surpresas

DESCOBRIR Programa Gulbenkian
Educação para a
Cultura e Ciência

5 DE OUTUBRO DIA **D** MANIFESTOS CRIATIVOS

Lançamento da
temporada 13/14
com espetáculos,
instalações, visitas
e oficinas para
todas as idades

10h às 18h
€1



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

www.descobrir.gulbenkian.pt



a sua história e as das famílias Gulbenkian e Essayan, as duas dinastias arménias aparentadas por casamentos, consanguinidades e alianças patrimoniais. Calouste casou com Nevarte Essayan, a herdeira da família arménia mais poderosa e rica do império otomano. Ou Kaloust casou com Nunuphar, nomes do livro. Em muitas passagens, J.R.S. mais não fez do que mudar os nomes, porque o que está lá não é ficção, é História. E é história.

J.R.S. sabe contar a história, sabe escrever diálogos vivos que fazem avançar a ação e que a situam historicamente, sabe onde começar e encerrar um capítulo, sabe onde espalhar a luz e deixar na sombra, de modo a que a narrativa não perca velocidade nem mantenha o leitor desinteressado. Aqui, a história e a História são prodígios naturais. A mera enunciação e falas das personagens em situação, sem trabalho da imaginação, daria um romance de aventuras. Como compete, a narração é cronologicamente ordenada, e Kaloust é-nos apresentado na infância em Trebizonda, a terra onde o pai, Vahan, é o vali do sultão. Aqui começa a cavalgada. Isto é o que J.R.S. sabe fazer. E, não duvido, consulta fontes históricas que sustentem a cronologia e balizem a narrativa.

O que ele não sabe fazer, e é mais um problema de não saber do que de não querer, é dar espessura às personagens, descrever as suas características físicas e psicológicas, descrever a paisagem e criar vozes que não sejam uma reprodução da voz coloquial simples do autor. Um escritor como Pamuk pode fazer avançar um livro sem precisar disto, desta técnica, um escritor naturalista como J.R.S. não pode. Porque o entretenimento não tem de ser mal escrito. E J.R.S. escreve muitas vezes mal. Não escreve sempre mal, quando a ação é rápida não se notam as tautologias, os erros de sintaxe, o mau gosto ou os coloquialismos, as descrições adjetivas. Escreve muito mal quando se apressa na resolução ou quando quer, justamente, fazer "literatura". Não estando para se maçar com a substância, adjetiva. Exemplo: "(...) Banhado pela luz límpida do amanhecer, que rasgava pelo firmamento uma orgia de cores quentes e suaves, o elegante casario de Constantinopla ondulava pelas colinas da margem europeia

O que Rodrigues dos Santos não sabe fazer, e é mais um problema de não saber do que de não querer, é dar espessura às personagens, descrever as suas características físicas e psicológicas, descrever a paisagem e criar vozes que não sejam uma reprodução da voz coloquial simples do autor

do mar de Mármara, a planura dos telhados cor de tijolo apunhalada pelas torres dos minaretes que se erguiam altivas, como cedros majestosos, a tentarem tocar o céu. Parecia que de manhã pingavam gotas de poesia." E repete, com Marselha: "A luz desmaiada do entardecer pintava o casario de tonalidades amarelo-torradas, os edifícios refletidos com sincopada simetria pelo espelho líquido do Mediterrâneo, o brilho do Sol que se deitava sobre o mar a cintilar numa miríade nervosa de luzinhas, com um corredor de faíscas que se acendiam e apagavam na crista da ondulação suave." E com Londres: "A chuva caía fina e leve, as gotas tão ténues que por vezes esvoaçavam como folhas empurradas pelo vento, cortando em mil traços a luz metálica que irradiava do manto nublado do céu; parecia que uma cama de prata etérea, fina e difusa, se abatera sobre a cidade." J.R.S. não policia a prosa e não policia o adjetivo. Não policia a redundância. Escreve sem criação de uma linguagem. Estes efeitos repetem-se noutras aberturas de capítulos, sempre os mesmos efei-

tos. Descrições gongóricas são, como nos literatos, cheias de uma "beleza ofuscante". Ou seja, J.R.S. comete o erro primário de não secar a prosa. Quer fazer "literatura". E resolve, por vezes, discutir estética, com mau resultado. Kaloust morre a perguntar: "O que é a beleza?"

As vezes falam todas no mesmo modo e tom, em diálogos intercalados com jargão português. É difícil acreditar que uma mulher educada e cosmopolita como Nunuphar Gulbenkian dissesse para Kaloust: "Diverte-te com os teus compinchas!" As vozes das personagens secundárias, sobretudo a do inglês Philip Blake, um *insider* que fornece ao arménio informação privilegiada, parece retirada dos livros de Blake e Mortimer, com os seus "By Jove!" Este Blake fala com o arménio como falam entre si dois antigos alunos de colégios privados da classe alta, e o excesso de *jolly goods, old chaps* e *old boys* é uma caricatura que esconde o facto de J.R.S. ser incapaz de nos dar a ver a personagem dentro da ação. Savile Row, a rua dos alfaiates, aparece como Saville Row. Blake nunca chamaria ao jovem Kaloust "old boy". O escritor que sabe fazer vozes da ação com talento literário chama-se John Le Carré. J.R.S. não sabe. Os Gulbenkians aparecem de vez em quando a falar como labregos ou habitantes dos subúrbios de Lisboa.

Dito isto, sente-se o leitor de J.R.S. maçado pelos erros? Não. Os erros e o mau gosto (as cenas de sexo e as digressões estéticas são *grotesqueries*) não perturbam a eficácia, o entretenimento. É pena que uma personagem como Gulbenkian acabe unidimensional, um homem arguto que faz negócios, incluindo o casamento, e dorme com meninas porque se convenceu, depois de ver um harém em Istambul, que a juventude delas se transferia para ele no sexo, dando-lhe saúde e travando a velhice. O capítulo mais interessante é o de Baku, o dos campos de petróleo onde Kaloust começa a ganhar dinheiro, e muito do que J.R.S. narra está em Ralph Hewins. A vida de Gulbenkian é, era, um romance de aventuras por escrever. A história do nascimento da civilização do petróleo e das disputas entre potências, a história da revolução tecnológica do início do século XX, a história dos massacres arménios, as histórias de intimidade de estabelecimentos de luxo e viagem como o Expresso do Oriente, o Ritz, o Pera Palace, a mansão de Paris da Avenida Iéna, o 38 de Hyde Park Gardens, as personagens que fizeram a construção da modernidade do século XX já lá estavam. Super-heróis, aristocratas, intermediadores, génios da indústria e da finança, génios da política, como Churchill. E o "Senhor Cinco por Cento" foi um visionário que não se limitou a engendrar negociatas e a colecionar arte ou jardins como colecionava mulheres, aliados e amigos. Foi uma formidável figura intelectual, um homem de bom gosto e de uma inteligência fundada na educação superior e na eficácia operacional.

É como se J.R.S. tivesse uma mansão construída com boa carpintaria e bons materiais e, ao acabá-la e decorá-la, não hesitasse em colocar dois leões de pedra na portaria e um gnomo no jardim. Como ele diria em tom conversador, o gnomo lixa tudo. **A**